

Sete mortes confirmadas

MARIA FERRI
DA EQUIPE DO CORREIO

O Instituto Adolfo Lutz confirmou ontem mais uma morte provocada pelo hantavírus no Distrito Federal. Resultados de exames enviados para a Secretaria de Saúde comprovam que José Valderi do Nascimento, 22 anos, teve hantavírose. Ele morava na colônia agrícola Nova Betânia, na zona rural de São Sebastião, e morreu no último dia 18, uma hora depois de ser atendido na Unidade Mista de Saúde da cidade com febre alta, dores no corpo e insuficiência respiratória.

Agora, o Distrito Federal registra, em pouco mais de dois meses, sete casos fatais de hantavírose — quatro em São Sebastião e o restante na Ceilândia, Paranoá e Sobradinho. A doença, transmitida por roedores silvestres, também fez três vítimas nas cidades goianas de Pirenópolis, Cristalina e Santo Antônio do Descoberto. Seis outros moradores de São Sebastião e uma de Sobradinho dos Meios, no Paranoá, contraíram a doença. Eles se curaram depois de tratamento em hospitais públicos (leia quadro abaixo).

José Valderi vivia numa chácara da colônia agrícola com os pais e um casal de irmãos, distante 5km de outra área de infecção, o assentamento Nova Conquista, onde morava Francisco Gomes da Silva, 24, outra vítima fatal da doença. Os outros dois moradores da cidade que também morreram vitimados pela hantavírose são Denifer Quintanilha Utivima, 17, e Adauto Silva de Lima, 16, que morreram nos dias 22 e 23 de maio.

Revolta

O morador de Nova Betânia começou a passar mal um dia antes de morrer. No início, teve febre alta e dor de cabeça. No dia seguinte, um domingo, a família levou José Valderi para a unidade de saúde. O dono da chácara, o engenheiro civil Lúcio de Paula, buscou o rapaz para o atendimento médico e ficou espantado com o avanço rápido da doença. O pai do rapaz, José Ribamar, trabalha como caseiro da propriedade há um ano e meio. Amostras de sangue e vísceras seguiram para análise no Adolfo Lutz na mesma semana.

A família de José Valderi soube do resultado no final da tarde de ontem. O pai sentiu-se mal. Ficou revoltado. Teve uma crise de pressão alta. Ele não se conforma

com a causa da morte do filho. A mãe, a dona de casa Francisca Ribamar do Nascimento, 46 anos, revela que toda a família fica boa parte do tempo acuada dentro de casa. Tem medo de pegar a doença. "Ninguém mais mexe no mato. Fico aqui dentro, apavorada, sem saber o que posso ou não fazer para evitar a doença. Estou quase entrando em depressão", confessa Francisca.

Para a mãe, José Valderi pode ter sido contaminado enquanto triturava milho para as galinhas ou trabalhava dentro do galpão onde estão as ferramentas da propriedade. Técnicos da Secretaria de Saúde vasculharam o local usando máscaras, de acordo com Francisca. "Eles nos orientaram a tomar uns cuidados, mas não foi o suficiente para me deixar tranquila. Estou com medo de arriscar", diz. A plantação de milho que José Valderi cuidava não é cultivada desde que ele morreu, há duas semanas.

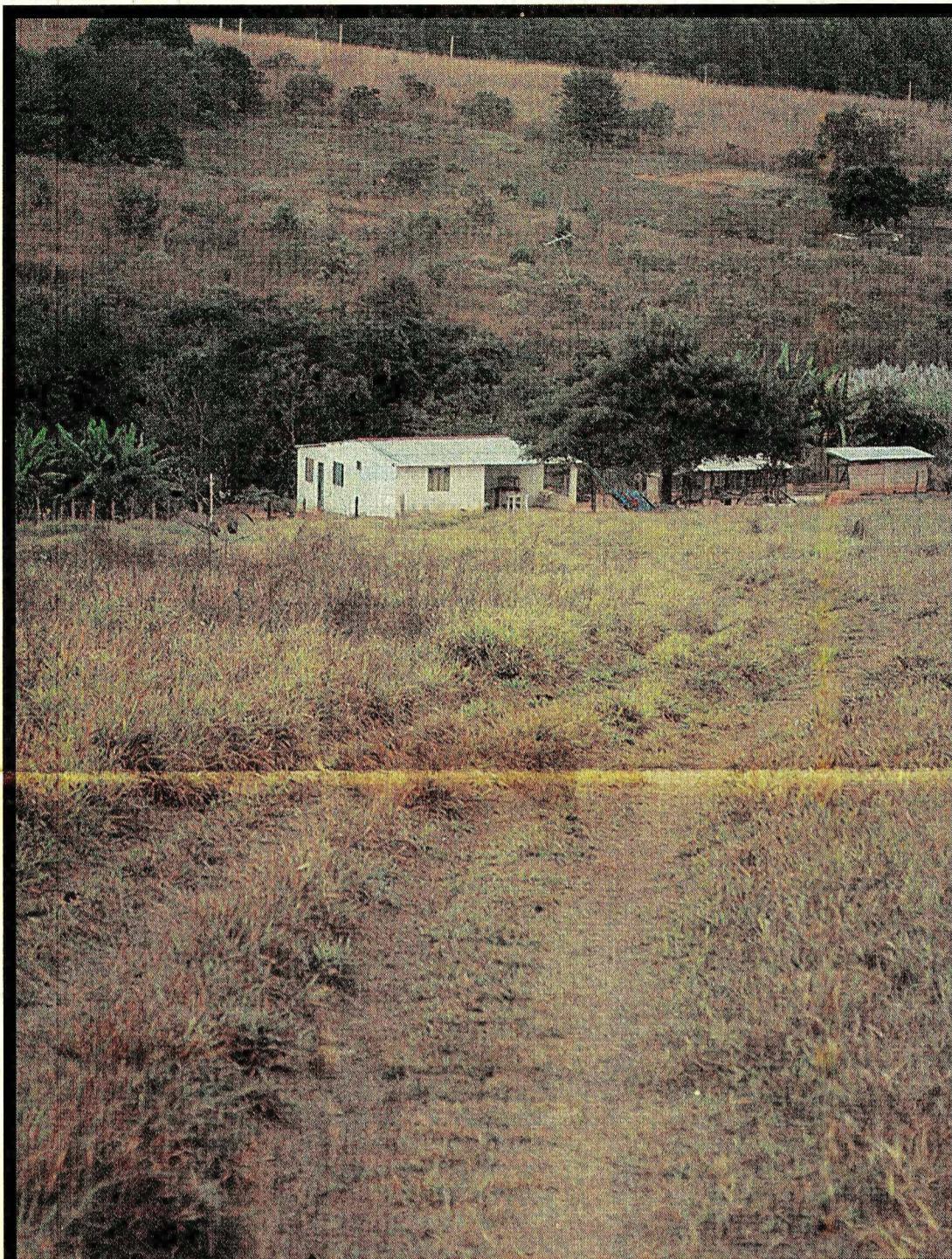
Habitos caseiros

José Valderi era um rapaz caseiro. Não costumava frequentar festas. Passava o dia na roça de milho ajudando o pai ou tratando da horta. À noite, o principal passatempo do rapaz era jogar videogame. "Tenho uma forte lembrança dele como um filho carinhoso, prestativo e companheiro", lembra a mãe. A única irmã — o rapaz tinha outros dois irmãos de 18 e 25 anos — era muito apegada ao rapaz. Maria Aparecida Nascimento, 15, chora todos os dias de saudade. "Ele ouvia meus segredos, minhas tristezas e alegrias. Está fazendo muita falta", afirma.

Maria Aparecida comenta que está com medo de se infectar com o vírus. "Estou assustada." A mãe faz de tudo para proteger os filhos. Passou a queimar o lixo para não atrair roedores. "Não desejo que aconteça com ninguém o que estou sofrendo." No entanto, cinco outras famílias sofrem a angústia de uma possível contaminação pelo vírus mortal.

Cinco pessoas foram internadas esta semana com sintomas da doença e recebem tratamento em hospitais da rede pública do DF. Do total, duas estão no Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Uma mulher deu entrada na quarta-feira com o pulmão afetado — o caso mais delicado —, e um homem recebeu atendimento ontem. Foram colhidas amostras de sangue para análises. Até o final da tarde de ontem, o quadro clínico deles era estável.

Paulo H. Carvalho



CHÁCARA ONDE JOSÉ VALDERI MORAVA NA COLÔNIA AGRÍCOLA NOVA BETÂNIA: FAMILIARES ESTÃO COM MEDO DA HANTAVIROSE

140 amostras
em análise

O Instituto Adolfo Lutz (IAL) ainda não conseguiu concluir as pesquisas para analisar qual o tipo de vírus transmissor da doença no Distrito Federal porque existe um grande volume de amostras de casos suspeitos de pacientes enviadas pela Secretaria de Saúde. Desde o aparecimento do primeiro foco, em 22 de maio, o IAL analisou cerca de 140 amostras.

Até agora, os pesquisadores do laboratório paulista conseguiram apenas colher amostras do DNA e RNA dos roedores hospedeiros, para depois iniciar o exame de biologia molecular para o sequenciamento do hantavírus. A diretora da Vigilância Epidemiológica, Disney Antezana, esclarece que das 140 amostras, apenas 87 são de casos suspeitos. "O restante é de parentes próximos ou pessoas que tiveram contato próximo com pessoas contaminadas", diz.

Existem apenas três variações conhecidas do hantavírus no Brasil: Araraquara, Castelo dos Sonhos e Juquitiba. A responsável pelos exames, a pesquisadora científica do serviço de Arbovírus, Akemi Suzuki, acredita que o vírus transmissor da hantavírose no DF é o Araraquara.

LEIA MAIS SOBRE
HANTAVIROSE NAS
PÁGINAS 24 E 25

OS NÚMEROS DA DOENÇA

A SECRETARIA DE SAÚDE REGISTROU 14 CASOS DE HANTAVIROSE NO DF. OUTRAS TRÊS PESSOAS FORAM INFECTADAS NO ENTORNO.

DISTRITO FEDERAL

	Casos Confirmados	Curas	Mortes
São Sebastião	10	6	4
Ceilândia	1	—	1
Paranoá	2	1	1
Sobradinho	1	—	1
Total	14	7	7
GOIÁS			
Cristalina	1	—	1
Pirenópolis	1	—	1
S.A. Descoberto	1	—	1
Total	3	—	3
Total Geral	17	7	10